

## Breve ensaio sobre docência de ensino superior e seus principais desafios na atualidade

Fernando Piccoli Tuduri<sup>1</sup>

*O que é ser um professor de ensino superior? Quais os desafios que um professor de graduação enfrenta ao longo de sua experiência educadora? Que tipo de docente se espera para um curso de graduação? Como os alunos veem o professor que ministra aulas na faculdade e que espécie de professor eles desejam? Como prender a atenção dos alunos nos dias de hoje?*

Tais questionamentos podem servir como ponto de partida para o debate sobre a docência de ensino superior, que, nestas breves linhas, terá como moldura os desafios enfrentados no dia a dia de um professor universitário, tema que cada vez mais ocupa os estudos na área de educação, mas não só nela, como também em outras áreas, preocupadas com uma melhoria na qualidade do ensino *versus* uma demanda maior de obstáculos que surgem na atividade docente.

Os alunos não estão “naturalmente” dispostos a fazer o papel de aluno. Dito de outra forma, para começar, a situação escolar é definida pelos alunos como uma situação, não de hostilidade, mas de resistência ao professor. Isto significa que eles não escutam e nem trabalham espontaneamente, eles se aborrecem ou fazem outra coisa. (PERALVA; SPOSITO, 1997, p. 223)

Esta é uma das impressões de François Dubet em entrevista a Peralva e Sposito (1997), sociólogo francês, conhecido por suas pesquisas sobre a juventude marginalizada na França, ao contar sobre a sua experiência de um ano como professor de história e geografia em um colégio da periferia de Bordeaux, França.

Em contraponto a esta colocação, podemos nos perguntar: será que os professores estão naturalmente dispostos a fazer o *papel de professor*?

O primeiro desafio da docência, portanto, está traçado: a *autocrítica* de um professor sobre seu papel na sala de aula. E isso vale tanto para o professor

---

<sup>1</sup> Aluno de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciências Criminais – PUCRS. Bolsista do programa Pró-bolsas – PUCRS.

com 20, 30 anos de carreira, como para os recém-iniciados. Como professor, é preciso saber como estou agindo e como deveria agir com relação aos meus alunos. Frequentemente esse pensamento não é levado em consideração. Seguir uma metodologia de ensino não pressupõe que a aula seja uma mera realização de procedimentos padronizados, pois o aluno não é uma peça de uma engrenagem e o professor não deve agir como se fosse uma máquina.

Nesse ponto, entramos na segunda parte da fala citada de François Dubet, pois, se a situação escolar é definida pelos alunos como uma situação de resistência ao professor, então devemos analisar também o outro lado: será que os professores de hoje não apresentam também *resistência aos alunos*? Ao entrar em uma sala de aula, muitas vezes, é possível que o professor carregue consigo um sentimento de distanciamento em relação aos alunos, sentimento este que pode ser potencializado diante de turmas com 50, 60 pessoas. Acontece então dos alunos tornarem-se meros espectadores da aula, enquanto o professor vira uma espécie de ator naturalista, protegido, metaforicamente, por uma *quarta parede*<sup>2</sup>. Analogamente ao que fez o dramaturgo alemão Bertold Brecht no teatro, é preciso, também neste caso, derrubar a quarta parede da sala de aula para trazer o aluno (espectador) para dentro da cena (aula) onde o professor (ator) não mais ignora a presença do aluno.

Derrubada a resistência da quarta parede, o professor se depara com uma plateia e pode olhar no rosto de cada aluno. Cada qual com sua própria história de vida, seus motivos para ali estar, suas dificuldades, facilidades e também resistências. Daí surge mais um desafio: como ser um professor que esteja atento a cada aluno na medida de sua alteridade e sua condição única?

Entre todas essas provocações, talvez nada seja tão difícil quanto criar o encanto, no aluno, pelo conhecimento. Como os alunos, nos dias de hoje, tão cheios de possibilidades para roubar sua atenção, em que o papel e a caneta dão

---

<sup>2</sup> Referência ao termo cunhado por André Antoine (1858-1943), que, segundo Luiz Paulo Vasconcellos, serve “para designar a parede imaginária situada na altura do arco do proscênio que separa o palco da plateia. A quarta parede constitui uma convenção do naturalismo no teatro, e sua prática exigiu o desenvolvimento de uma técnica de interpretação em que o ator simula, através de seu comportamento, a continuidade do cenário através dos dois lados do palco. Em consequência, o ator representa ignorando a presença do espectador diante dele.” (Vasconcellos, 2009, p. 196).

lugar a computadores e internet, como esses alunos de hoje podem ser entusiasmados pela vontade de aprender, em ter interesse, e não ser abduzidos por um mundo virtual paralelo por trás da tela que compete quase que injustamente com o quadro negro?

É bem possível que os desafios colocados acima, na forma de dúvidas e provocações, não tenham uma resposta por enquanto. O que se pretende aqui não é apresentar a solução, mas, diante do surgimento de um problema, é preciso saber minimamente qual o caminho tomar para resolvê-lo.

Primeiramente, é preciso o reconhecimento da crise, para que seja feita sua crítica. O ensino sofre dificuldade, não só nas escolas primárias e secundárias, como também no nível superior. Os lapsos oriundos da educação básica vão desaguar no ensino de graduação, e correm risco de serem potencializados, caso o educador não encare o desafio de entender seus alunos.

Não é mais plausível, hoje, que um professor não reflita sobre seu papel em sala de aula, sua metodologia de ensino, de abordagem do conteúdo e seus métodos avaliativos. A autocrítica é um dos passos mais importantes para desenvolvimento do professor. É preciso entender que, se alguma coisa na sala de aula está errada, isso não é decorrente apenas dos alunos e de seu comportamento. Caso o professor não esteja seguro do seu papel e não pensar sobre suas atitudes, o que sobra é um reproduzidor mecânico de conteúdo que se repete ano após ano. O ensino pede renovação. Assim como as turmas se renovam, geralmente, a cada semestre, o professor deve entender que o seu conhecimento e suas práticas tem prazo de validade, e devem ser atualizados ao longo do tempo. Um ensino preso a dogmatismos, hermético e que ignora a interdisciplinaridade não é capaz de formar cidadãos, mas sim meros reprodutores de conteúdos.

O que se espera dos alunos que concluem um curso de graduação? Que estejam aptos a solucionar problemas relacionados apenas a sua área? Ou que possam enfrentar problemas complexos na medida da complexidade contemporânea, admitindo o fato de que, há muito tempo, uma ciência não é capaz de dar respostas sozinhas. Aqui se pode ressaltar a importância de um

professor que consiga ministrar um conteúdo relacionando com o mundo do lado de fora dos bancos acadêmicos e dos livros de dogmática.

Uma das melhores formas de realizar uma autocrítica, para um professor, é ouvir os alunos, saber quais são seus desejos e ambições. Sabe-se que cada vez mais se mostra uma difícil tarefa conciliar o tempo de aula com a solução de dúvidas ou mesmo a assistência aos alunos. Mas é necessário. Um professor que não conhece quem está sentando na sua frente, não poderia ministrar uma aula. É uma pena que a maioria dos professores só conheça seus alunos por meio de avaliações e provas objetivas. É preciso fugir dessa resistência aos alunos. A aula se dá e deve fluir numa troca entre discente e docente. Quando esse elo recíproco não se consolida, não se estabelece uma relação de aprendizado, mas sim de mera cópia, reprodução, o que afasta os alunos do ambiente acadêmico e os obriga a buscar alternativas para enfrentar a falta de comunicação.

É preciso retomar o encanto pelo aprendizado, entusiasmar o aluno e não trata-lo como apenas mais um entre muitos. Certamente, a forma de atingir esse objetivo passa por estudo de metodologias de ensino e aprendizado, mas existe algo que está além do método, e precisa servir de norte para todos os professores, principalmente os que recém iniciam: a vontade de ensinar.

## Referências

PERALVA, Angelina; SPOSITO, Marília. Quando o sociólogo quer saber o que é ser professor: entrevista com François Dubet. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo, n. 5, p. 222-231, maio/ago., 1997.

VASCONCELLOS, Luiz Paulo. **Dicionário de Teatro**. Porto Alegre: L&PM, 2009.